



MUPAV

Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba

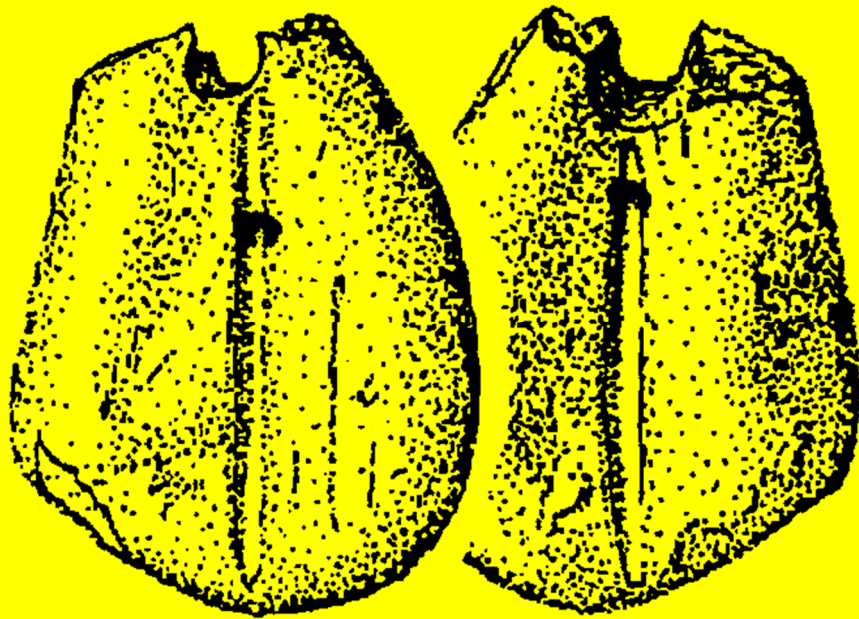
Férvedes
ISSN: 1134-6787
Nº 9, 2018
Vilalba (Lugo)

Férvedes

Revista de Investigación

Nº 9

SEPARATA



2018

Suásticas gravadas no Norte de Portugal. Reflexões sobre a arte rupestre da Idade do Ferro.

Swastikas recorded in the North of Portugal. Reflections on the Iron Age rock art.

Daniela CARDOSO, Ana M.S. BETTENCOURT, Nuno OLIVEIRA

RESUMO

A propósito da publicação de dois afloramentos gravados com suásticas de braços retos ou praticamente retos, encontrados recentemente no Norte de Portugal, nomeadamente no Alto do Castro, no concelho de Vila Nova de Cerveira e no Monte de Novais, no concelho de Caminha (ambos inéditos), os autores fazem uma revisão sobre os lugares gravados com esta imagética no norte de Portugal e sul da Galiza.

Esta revisão tem como objetivos propor balizas cronológicas para este fenómeno; equacionar a sua origem nestes territórios setentrionais e interpretar este tipo de lugares, no quadro das dinâmicas de povoamento da proto-história.

ABSTRACT

With regard to the publication of two outcrops recorded with swastikas with straight or practically straight arms, recently found in Northern Portugal, namely Alto do Castro, Vila Nova de Cerveira, and Monte de Novais, in the municipality of Caminha (both unpublished), the authors make a review on the places recorded with this imagery in the north of Portugal and south of Galicia.

This review aims to propose timelines for this phenomenon; to equate their origin in these northern territories and to interpret these types of places, within the framework of the settlement dynamics of protohistory.

Palavras-chave: Proto-história, gravuras rupestres, suásticas, cronologia, origem, significados.
Keywords: Protohistory, rock engravings, swastikas, chronology, origin, meanings.

1.- Introdução.

As suásticas, de quatro braços, de lados curvos ou retos, apesar de conhecidas na arte rupestre do Noroeste da Península Ibérica são uma temática raramente representada neste contexto. Até à data, conheciam-se, apenas, quatro afloramentos gravados onde tal motivo se manifestou, localizando-se, três deles, no sul do território galego, e o quarto, no norte de Portugal. Na Galiza encontram-se os loci de Os Covelos, em Coruxo, concelho de Vigo (Costas Goberna et al., 1984); a Laxe das Cruces, em Tourón, concelho de Ponte Caldelas (Peña Santos et al., 1996) e a Portela da Laxe, em Viascón, concelho de Cotobade, todos na província de Pontevedra (Peña Santos, Vázquez Varela, 1979; García Alén, Peña Santos, 1980). No Norte de Portugal, destacamos a Laje dos Sinais, em Carvalhos, concelho de Barcelos, distrito de Braga (Sarmiento, F., 1895; Cardoso, M., 1951; Coimbra, F., 2001, 2004; Cardoso, D., 2015). Conhece-se, ainda, uma suástica, realizada de forma invulgar, num bloco granítico reaproveitado numa construção do povoado fortificado de Guifões, no concelho litoral de Matosinhos, distrito do Porto (Coimbra, F., 1999).

A partir de dois novos afloramentos gravados com esta imagética, encontrados, recentemente, no

Noroeste de Portugal, nomeadamente o do Alto do Castro, em Vila Nova de Cerveira e o do Monte de Novais, em Caminha (ambos inéditos) pretende-se, com base nos paralelos conhecidos no Norte de Portugal e no sul da Galiza, equacionar algumas hipóteses sobre a cronologia, origem e significado deste fenómeno, no quadro do povoamento proto-histórico.

Em termos metodológicos, esta abordagem passa pela análise dos contextos físicos e arqueológicos onde se localizam esses locais, pela análise das superfícies onde foram gravados, pela sua interação com estilos de arte rupestre, comuns no território em análise e, pela comparação dos motivos gravados com outras materialidades onde se representam.

2.- Os novos casos de estudo.

Os casos de estudo que aqui se noticiam foram descobertos em 2017, por um aficionado de arqueologia, morador em A Guardia, Galiza. Trata-se do senhor Cândido Verde, que gentilmente deu conta do achado a um dos autores deste artigo e, mais tarde, acompanhou a totalidade dos autores ao local da descoberta. O local mais a norte foi designado por Alto do Castro e o mais a sul, por Monte de Novais,

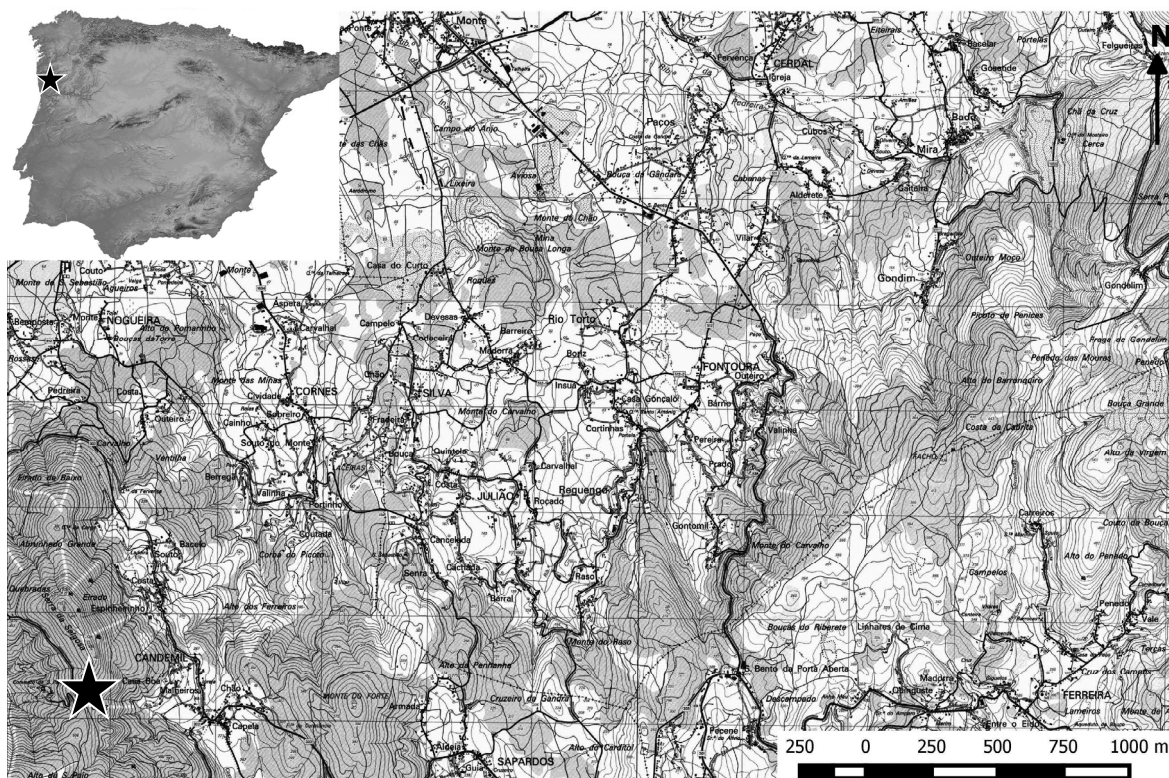


Fig.: 1. Localização do afloramento gravado do Alto do Castro, Carta Militar de Portugal, nº 7, na escala 1: 25.000, 1997, (IGEO).

por serem estes os topónimos dos montes onde se localizam. Esta opção resultou do facto de, em nenhum dos locais, ter sido possível identificar micro-topónimos correspondentes aos afloramentos gravados.

- **Alto do Castro.**

- Localização e contexto físico e ambiental.

O afloramento gravado do Alto do Castro localiza-se nos limites das uniões de freguesias de Candemil-Gondar e Lobelhe-Vila Nova de Cerveira, concelho de Vila Nova de Cerveira, distrito de Viana do Castelo. As suas coordenadas geográficas são: - 8.702910X, 41.930723Y (WGS84). A cerca de 95 metros de altitude (Fig.: 1).

Em termos geomorfológicos o *locus* localiza-se no início de uma vertente virada a oeste, na extre-

midade sul do monte, conhecido popularmente como Alto do Castro ou Monte do Castro, no que na Carta Militar de Portugal, nº 7, de 1997, se considera a serra da Salgosa, mas que se insere numa unidade geomorfológica maior, conhecida como serra da Gávea (Fig.: 2).

De acordo com as informações recolhidas na Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50.000, folha 1-C, Caminha, de 1962, e respetiva notícia explicativa (Teixeira, Assunção, 1961) a área corresponde a uma zona de contacto entre xistos andaluzíticos, granitos alcalinos de duas micas de grão grosseiro, filões e massas de quartzo e filões e massas aplito-pegmatíticos e pegmatíticos que aflo-



Fig.: 2. Vista geral do afloramento gravado (em primeiro plano) e do povoado da Idade do Ferro do Monte ou Alto Castro (em último plano).



Fig.: 3. Perspetiva visual para a foz do rio Minho, desde o afloramento gravado.

ram, abundantemente, por vezes, de forma impressionante, principalmente os xistos e as massas de quartzo que, pela sua tonalidade clara, sobressaem no meio físico (Fig.: 2). Trata-se, ainda de uma área rica em recursos mineiros, pois, num raio de 10 km ocorrem diversas jazidas primárias de estanho e de chumbo.

Em termos ambientais o local é provido de vegetação arbustiva e herbácea, de pequeno porte, pelo facto da área ter sofrido um incêndio recente (Fig.: 2).

Do afloramento gravado obtém-se uma ampla perspetiva visual para a foz do rio Minho, assim como para o povoado da Idade do Ferro do Alto do Castro (Fig.: 3).

▪ Contexto arqueológico.

Numa área de várias centenas de metros conhecem-se algumas gravuras rupestres com composições circulares, inseríveis no estilo atlântico, inéditas, cuja origem se deverá situar no Neolítico, conforme tem vindo a ser defendido por vários autores (Alves, L., 2003, 2017; Santos-Estévez, M., 2012;



Fig.: 4. Aspecto do afloramento visto de frente onde se pode visualizar a gravura da suástica, uma data e alfabetiformes.

Cardoso, D., 2015). A cerca de 800 m para noroeste, localiza-se o povoado do Alto ou Monte do Castro (Oliveira, E., 1981; Silva, A., 1986: 70, nº 22) (Fig.: 2) onde se observaram dois panos de muralha, vestígios de prováveis habitações circulares e cerâmicas apenas atribuíveis à Idade do Ferro.

▪ Descrição do afloramento gravado e motivos.

O afloramento do Alto do Castro, em xisto avermelhado, apresenta dois declives virados para oeste e este, e é bastante sobrelevado em relação ao solo atual, pelo menos, pelo lado oeste, onde tem mais do que 2 m de altura. Encontra-se disposto de norte para sul, medindo 14,40 m neste sentido e 3,15 m, de este para oeste. A sua superfície tem um aspeto irregular, em algumas áreas, com várias diaclases, no sentido este-oeste, e alguns filonetes de quartzo, no sentido noroeste-sudeste (Fig.: 4)

Embora, na pendente oeste, pareçam existir motivos muito erodidos que, pelas condições de luminosidade, não se tornaram perceptíveis nesta visi-

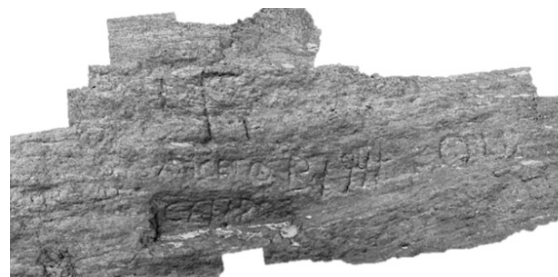


Fig.: 5. Modelo 3D, a partir do levantamento fotogramétrico, do painel gravado.

ta, no declive oeste, foi gravada uma suástica, uma data e alguns alfabetiformes, formando palavras ou siglas. A suástica situa-se, sensivelmente, no centro do painel, enquanto os restantes motivos se localizam na sua parte inferior. O motivo da suástica é maior, medindo 18 cm de altura por 19 cm de largura, pelo que se apresenta ao observador como o motivo central desta composição. Foi gravada através da técnica do picotado, seguida de polimento parcial, pelo que o seu sulco apresenta seção em U, irregular. A largura dos sulcos varia entre 1,5 e 2 cm e a sua profundidade entre 0,9 mm e 1 cm (Fig.: 5, 6).

Parte dos alfabetiformes parecem formar a palavra AICETO, embora o I seja duvidoso, pelo que fica a dúvida se não será ANICETO, mal escrito. Esta palavra foi seguida de um R e, imediatamente abaixo, do nome CAMPOS. Em associação com este nome está gravada a data de 1941, que pelas características técnicas parece ter sido gravada na mesma altura do nome. A algumas dezenas de centímetros desta data, para sul, gravaram-se as letras OU, que poderão corresponder a uma sigla. Os alfabetiformes e os números foram executados através da incisão, provavelmente realizado com pico metálico, uma técnica de gravação distinta da que foi usada para a suástica. Os sulcos são, também, na generalidade, menos profundos e estreitos do que os usados no motivo abstrato, possuindo 1 a 1,4 cm de largura, embora a possível sigla OU seja constituída por cara-

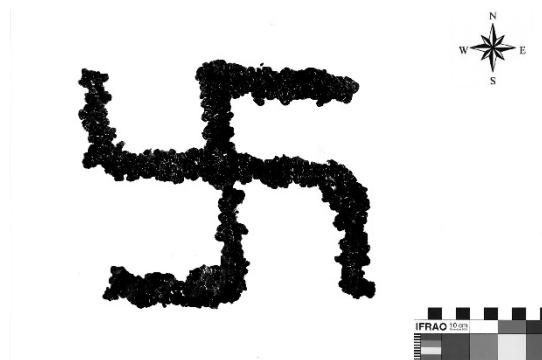


Fig.: 6. Decalque da suástica do Alto do Castro.

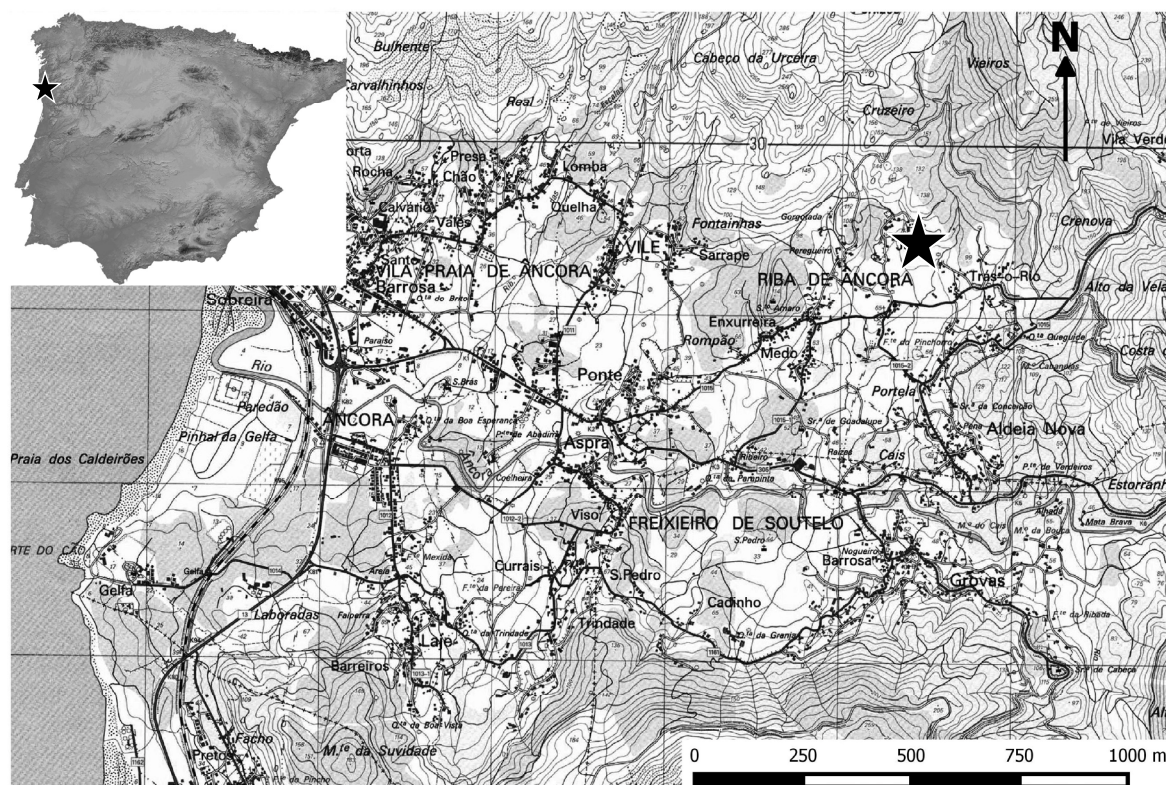


Fig.: 7. Carta Militar de Portugal de Portugal, nº 27, na esc. 1: 27.000, 1997 (IGEO), com a localização do afloramento gravado no Monte de Novais.

teres maiores do que os restantes (Fig.: 5).

A observação das gravuras implica uma audiência de costas para a foz do rio Minho e de frente para o cume pedregoso, em xisto, e impressionante do monte (Fig.: 4).

▪ Considerações cronológicas.

Apesar da associação da suástica com um nome e a data de 1941, é possível que este motivo, por ser de técnica distinta dos restantes, e se encontrar nas imediações de um povoado da Idade do Ferro, seja deste período genérico e não a representação da ideologia nazi por parte de um simpatizante. De destacar que a suástica nazi é sempre representada de forma oblíqua, ou seja, com uma inclinação de cerca de 45 graus. Assim, é possível que esta suástica, que se crê antiga, tenha sido apropriada por alguém que, em 1941, a identificou erroneamente.

● - **Monte de Novais.**

▪ Localização e contexto físico e ambiental.

As gravuras rupestres do Monte de Novais ficam no lugar de Trás-os-Rios, freguesia de Ribeira de Ancora, concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo, no noroeste de Portugal. As suas coordenadas geográficas são: -8.814003X, 41.815732Y (WGS84), a cerca de 93 m de altitude (Fig.: 7).

A rocha gravada encontra-se na base da vertente sul do monte, conhecido popularmente como de Novais, em área profusamente pedregosa e irrigada, pois nas imediações correm dois cursos de água que

vão desaguar na margem direita do rio Ancora. O local está a cerca de 4 km da costa, nomeadamente da praia e do porto natural da Vila Praia de Ancora.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50 000, folha 2-A, Viana do Castelo, de 1970 e sua respetiva notícia explicativa (Teixeira, C., et al., 1972) o substrato geológico local é composto por granitos alcalinos de grão médio ou fino a médio, embora nas proximidades ocorram xistos andaluzíticos e filões aplito-pegmatíticos e pegmatíticos. A área é rica em recursos primários de estanho e em explorações mineiras abandonadas ou suspensas deste minério, que ocorrem a montante do local, em ambas as margens do rio Ancora.

Em termos ambientais o local está povoado de denso eucaliptal, existindo, nas imediações, campos agrícolas e casas.

Do afloramento obtém-se uma ampla visibilidade para o vale do Ancora e para o oceano, a oeste, sudoeste e sul; para a serra de Santa Luzia, a sul e sudoeste; para as vertentes e cumes do Monte de Novais, a este, norte e noroeste.

▪ Contexto arqueológico.

No aro desta freguesia são conhecidos vários afloramentos gravados com composições circulares, inéditos, inseríveis na arte atlântica de origem neolítica, assim como um punhal gravado e figuras reticuladas, inseríveis na Idade do Bronze. Referimo-nos à Bouça dos Feitos, noticiada por Bettencourt (20



Fig.: 8. Visualização do Castro do Monte de Santo Amaro (ao fundo, em primeiro plano), desde o afloramento gravado.



Fig.: 9. Extremidade este do afloramento gravado onde se podem ver bem três motivos gravados e um quarto, pouco perceptível (Fot. de Cândido Verde).

17). Conhece-se, ainda, no vale, o povoado da Idade do Bronze da Enxurreira (Loureiro, L., Magalhães, I., 2006) e, no topo de um esporão, o povoado da Idade do Ferro do Monte de Santo Amaro (Sarmiento, F., 1980; 1883-84), que se avista do local das gravuras e que dista delas, cerca de 800 m a 1 km para oeste-sudoeste (Fig.: 8).

▪ Descrição do afloramento gravado e motivos.

As gravuras do Monte de Novais situam-se num afloramento granítico de grão fino, disposto na horizontal. Este foi fraturado, intencionalmente, nos quadrantes oeste e sul, embora a oeste, a parte partida do afloramento, se encontre no local. É destacado em relação ao solo atual, tendo de altura, 0,70 m. Mede 2,50 m, no sentido este-oeste, e 1,55 m, no sentido norte-sul (Fig.: 9).

A superfície gravada, no topo do afloramento, tem um aspeto regular e é tendencialmente aplanada. Aí apenas se identificou um painel, localizado na sua extremidade nascente. Neste foram observadas duas suásticas de braços retos, uma delas incompleta, porque não possuía uma das extremidades. No meio destes dois motivos encontra-se um cruciforme de braços iguais, contendo numa das extremidades um

segmento de reta virado para a direita, o que sugere uma suástica incompleta, neste caso, de orientação contrária às restantes, que se encontram viradas para a esquerda. A oeste dos três motivos que se visualizam bem, parece existir outro motivo cruciforme, de braços iguais aos das suásticas, gravado de forma menos profunda. A sua identificação precisa exigirá observação com luz artificial (Fig.: 10, 11).

Dos três motivos interpretados como suásticas ou pseudo-suásticas, o maior mede 32 cm de altura por 32 cm de largura, e o menor, 27 cm de altura por 27 cm de largura. Todos eles foram gravadas através da técnica de percussão seguida de abrasão, pelo que apresentam sulcos de seção em U. A largura dos sulcos varia entre os 2 a 3 cm e a sua profundidade é de cerca de 0,6 cm no máximo e 0,2 cm no mínimo. De salientar que os braços das suásticas foram, sempre, gravados menos profundamente do que os restantes sulcos.

Para o estudo deste afloramento gravado procedeu-se à sua limpeza superficial, ao seu levantamento fotográfico diurno com máquina digital e a um decalque direto, preliminar. Utilizou-se, para este efeito, plástico cristal, com 0,8 mm de espessura, e canetas de acetato de várias cores e espessuras. Durante o processo de registo deu-se especial impor-

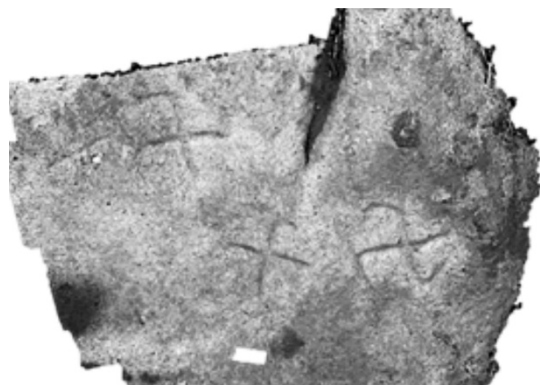


Fig.: 10. Modelo 3D do afloramento gravado através do programa Agisoft Photoscan.

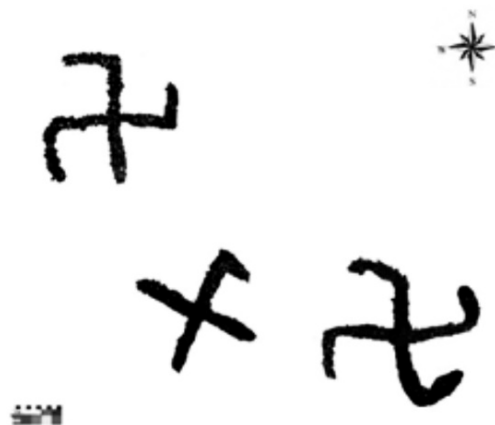


Fig.: 11. Decalque das suásticas do Monte de Santo Amaro.

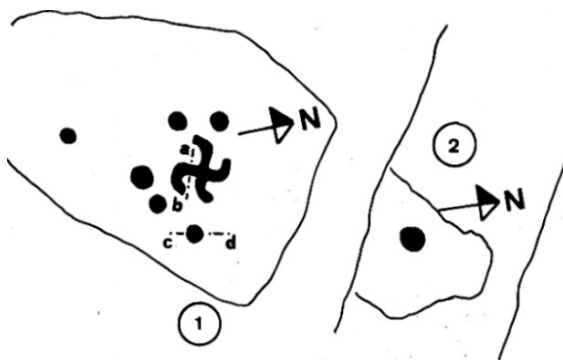


Fig.: 12. Suástica de Os Covelos (Costas Goberna et al., 1984, adaptado).

tância a todos os detalhes do motivo gravado, em especial à existência ou não de picotados, pelo facto dessa informação ser importante para um maior entendimento do processo de execução. Foi ainda realizado um modelo 3D do afloramento através do programa Agisoft Photoscan.

▪ Considerações cronológicas.

As suásticas e pseudo-suásticas aqui representadas, pela técnica usada na sua execução, e pela proximidade deste afloramento com um povoado da Idade do Ferro, deverá integrar-se nessa cronologia genérica.

3.- Discussão dos dados e interpretações.

Estes dois afloramentos gravados do Norte de Portugal, com exceção dos motivos históricos do Alto do Castro, são excepcionais no contexto da arte rupestre proto-histórica desta região, porque apresentam apenas suásticas ou pseudo-suásticas de

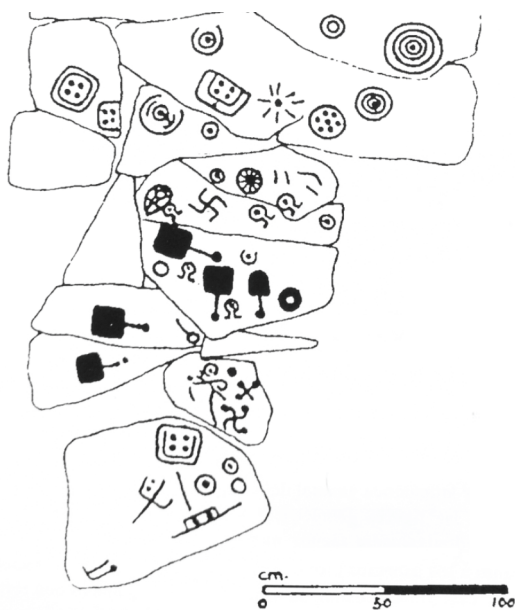


Fig.: 13. Portela da Laxe (Peña Santos, et al., 1980, adaptado).

braços retos, quer orientadas à direita quer à esquerda. Trata-se de um motivo com paralelo no afloramento gravado de Os Covelos, na paróquia de Coruxo, concelho de Vigo, onde também se gravou uma suástica de braços retos, associada a diversas covinhas (Costas Goberna, et al., 1984) (Fig.: 12), e no da Portela da Laxe, na paróquia de Viascón, concelho de Cotobade (García Alén, Peña Santos, 1980), onde uma suástica, também de braços retos, e outra de braços ligeiramente curvos, se associam a quatro paletas quadrangulares e uma circular (espelho?), entre outros motivos quiçá contemporâneos, como motivos em U, com e sem covinha central¹, entre outros difíceis de determinar (Fig.: 13).

As suásticas em estudo também apresentam similitudes com a de braços ligeiramente curvos, da Laje dos Sinais, na freguesia de Carvalhos, Barcelos (Cardoso, M., 1951; Coimbra, F., 2001, 2004; Car-

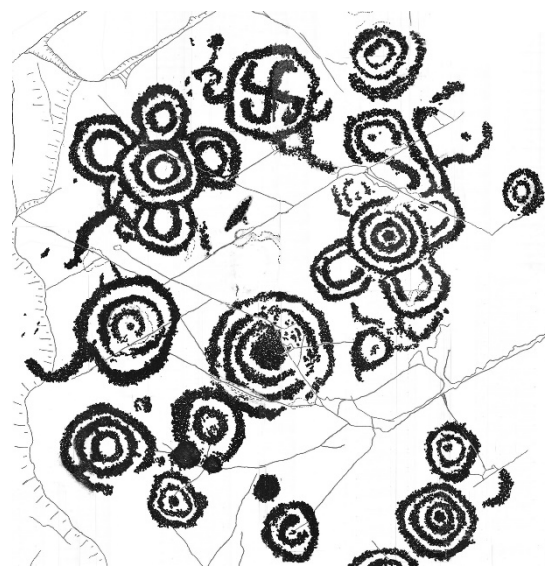


Fig.: 14. Decalque das gravuras rupestres da Serra de Sicó, em Ancião (Caninas et al, 2010).

doso, D., 2015) que se encontra no interior de um círculo, na periferia de composições circulares de arte atlântica (Fig.: 14).

A única suástica que se afasta consideravelmente é a de braços curvos da Laxe das Cruces, em Tourón, concelho de Ponte Caldelas, também conhecida como Coto das Sombrinhas (Peña Santos et al., 1996).

É de notar que os quatro lugares com suásticas similares se localizam em áreas próximas ou relativamente próximas do litoral (Fig.: 3, 8, 12, 13). O caso mais evidente é o do Monte de Novais, a cerca de 4 km do porto natural de Vila Praia de Âncora, seguido do sítio de Os Covelos, a cerca de 8 km da desembocadura da ria de Vigo. O lugar do Alto do Castro fica a cerca de 14 km do litoral, embora próximo da margem esquerda do rio Minho, ainda hoje navegável até à foz, apesar do assoreamento



Fig.: 15. Decalque das gravuras rupestres da Serra de Sicó em Ancião segundo Caninas et al, 2010.

intenso. O afloramento da Portela da Laxe, também a cerca de 14 km da ria de Pontevedra, fica, igualmente, nas proximidades do vale do Lérez. O afloramento gravado mais afastado do litoral é o da Laje dos Sinais, a cerca de 21 km do mar, mas de fácil acessibilidade à margem esquerda do rio Cávado, junto a Barcelos, em troço navegável até à foz, no séc. XVIII, embora por pequenos barcos (Castelo-Branco, F., 1979: 304). De notar, que de todos eles, há excelente visibilidade para os vales e para o litoral.

A sua exceção na arte rupestre do Noroeste, a sua distribuição litoral, também percebida em contextos mais meridionais, como é o caso das gravuras rupestres da serra de Sicó, em Ancião² (Caninas, J., *et al*, 2010) (Fig.: 15) e da fíbula do povoado da Pirreitas, em Alcobça (Ponte, S., 1984) (Fig. 16), possibilita colocar a hipótese de que este motivo possa materializar uma nova imagética, de origem mediterrânica e não Indo-Europeia, conforme é defendido por Coimbra (2009) e por González Ruibal (2006a).

No Noroeste associam-se a contextos de significação simbólica ancestral (como são os casos da Portela da Laxe e da Laje dos Sinais), enquanto, noutros casos, se grava em afloramentos, aparentemente sem “estória” (Os Covelos, Alto do Castro e Monte de Novais), criando novos espaços significantes.

A sua introdução no Noroeste Ibérico é problemática, embora tenha sido considerada dos meados do 1º milénio a.C., ou seja, da IIª Idade do Ferro (González Ruibal, 2006b). No entanto, há alguns dados que permitem colocar a hipótese de que a data do seu aparecimento possa ter sido mais antiga, isto é, desde os finais da Idade do Bronze e durante os inícios da Idade do Ferro, tendo em conta apenas as suásticas de quatro braços (retos ou ligeiramente curvos), e excluindo outros motivos aparentados, como as suásticas de braços totalmente curvos, os trísceles, os tetrásceles, estes sim, comuns na arquitetura, na plástica e em objetos da IIª Idade do Ferro, na Europa atlântica e continental.

Os dados que suportam esta hipótese são a associação da suástica da serra de Sicó, na zona Centro de Portugal, com antropomorfos de mãos gran-

des, comuns em estelas do Sudoeste, nomeadamente dos vales do Guadalquivir e do Guadiana, datadas dos finais da Idade do Bronze e inícios do Ferro (Díaz-Guardarmino, M., 2010); a associação das suásticas da Portela da Laxe, com o que parece um espelho, também comum nas referidas estelas; e o aparecimento das suásticas na fíbula de origem mediterrânica do Castro de Pirreitas, datável de finais do séc. IX a.C. ao séc. VIII a.C. (Ponte, S., 1999).

Este período é, também, aquele onde se assiste, em termos europeus, à difusão das colónias fenícias e gregas pelo mediterrâneo ocidental, contribuindo, através do intercâmbio suprarregional, para a difusão de ideologias e temas mediterrânicos, quer pela Europa continental, quer pela fachada mais ocidental da Ibéria.

Este motivo terá perdurado ao longo de todo o 1º milénio a.C.³, podendo, por exemplo, observar-se em cerâmicas de um depósito, em fossa, associado a um santuário, no Cerro do Castelo de Garvão, em Ourique, o qual se tem inserido no séc. IV ou III a.C. (Gomes, M., 2012). No entanto, e tal como afirma González Ruibal (2006b), os santuários da IIª Idade do Ferro, no Noroeste, implicam construções e alterações significativas dos afloramentos, situação bem distinta dos casos aqui estudados, que parecem perpetuar gestos e lugares ancestrais.

Além da cronologia é importante chamar a atenção para o facto de que estes locais seriam lugares cerimoniais que materializariam, pelo menos, em parte, o mundo simbólico da Idade do Ferro e constituir-se iam como mais um lugar significativo, na rede de povoamento deste vasto período cronológico-cultural. Por este motivo, as representações de suas-ticas aqui noticiadas, devem ser protegidas e alvo de valorização turística e ditática.

4.- Agradecimentos.

Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto Rock Art of the Northwest Iberia. Liminality and Heterotopy/Arte Rupestre do Noroeste Ibérico. Liminalidade e Heterotopia, apoiado pela FCT (referência SFRH/BSAB/114296/2016)

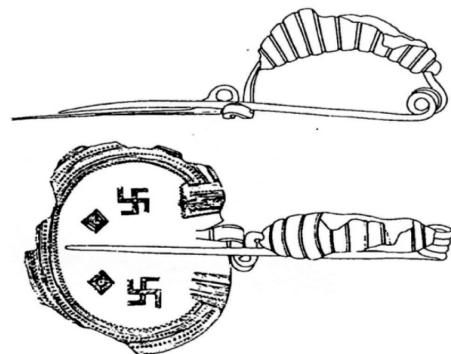


Fig.:16. Fíbula do castro de Pirreitas, Alcobça (Ponte, S., 1984).

5.- Bibliografia.

- ALVES, L.
2003 **The movement of signs - Pos-glacial rock art in North-western Iberia.** Tese de doutoramento Univ. of Reading.
- ALVES, L.B., REIS, M.
2017 Tattooed landscapes. A reassessment of Atlantic Art distribution, research methods and chronology in the light of the discovery of a major rock art assemblage at Monte Faro (Valença, Portugal). *Zephyrus*, 80, pp.: 49-67.
- BETTENCOURT, A.M.S.
2017 Gravuras rupestres do Noroeste para além das artes atlânticas e esquemática. *Arqueologia em Portugal, 2017. Estado da Questão*, pp.: 1053-1067. A. A.P., Lisboa:
- CANINAS, J.; HENRIQUES, F.; BATISTA, A.; MONTEIRO, M.
2010 Casos de grafismos rupestres em calcários no centro de Portugal. **1.a Mesa-Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: Paradigmas e Metodologias de Registo”**. Vila Nova de Foz Coa.
- CARDOSO, D.
2015 **A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-paleolítica da Bacia do Ave-Noroeste Português.** Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- CARDOZO, M.
1951 Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 61 (1-2), 5-80.
- CASTELO-BRANCO, F.
1979 A economia bracarense e o tráfego comercial do Cávado, *Bracara-Augusta*, 33 (75-76), pp.: 303-324.
- COIMBRA, F.
1999 A Suástica do Castro de Guifões e alguns paralelos europeus. *Matesinus*, 3, 107-112.
- 2001 As gravuras rupestres da Laje dos Sinais (Barcelos). *Revista de Guimarães*, 111, 183-199.
- 2004 A Arte Rupestre do Concelho de Barcelos (Portugal). *Anuário Brigantino*, 27, pp.:37-70.
- 2009 Trísceles, tetrásceles e motivos afins em elementos arquitectónicos castrejos. *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia, (Montalegre, 2008), Aqvae Flaviae*, 41, pp. 243-267.
- COSTAS GOBERNA, F.J.; FERNÁNDEZ PINTOS, J.; GOBERNA PENA, J.L.; FERNÁNDEZ DÍAZ, M.A.; NOVOA ÁLVAREZ
1984 **Petroglifos del litoral sur de la ría de Vigo (Valles Frago y Miñor).** Publicaciones del Museu Municipal “Quiñones de Leon” 8. Vigo.
- DÍAZ-GUARDAMINO, M.
2010 **Las Estelas Decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica.** Tese de Doutoramento, Univ. Complu-tense de Madrid.
- GARCÍA ALÉN, A.; PEÑA SANTOS, A.
1980 **Gravados rupestres de la provincia de Pontevedra.** Fundación Barrié de la Maza. A Coruña.
- GOMES, F.B.
2012 **Aspectos do Sagrado na Colonização Fenícia. Contextos de culto de influência oriental na Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-III a.n.e.).** Cadernos da UNIARQ. 8. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A
2006a House societies vs. kinship-based societies: An archaeological case from Iron Age Europe. *Journal of Anthropological Archaeology*, 25., pp.: 155-158. Elsevier.
- 2006b **Galaicos, Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.-50 d.C.).** Brigantium, 18-19. Museo Arqueológico e Histórico de San Antón, A Coruña.
- LOUREIRO, L.; MAGALHÃES, I.
2006 O Lugar da Idade do Bronze do Lombo da Enxurreira (Riba de Âncora, Caminha), *Al-Madan Online*, 2ª série, 14, pp.: 29-32.
- OLIVEIRA, E.
1998 **Estudos de arqueologia de Braga e Minho.** APPA CDM Distrital de Braga. Braga.
- OLIVARES PEDREÑO, J.C.
2000b Los dioses soberanos y los ríos en la religión indígena de la Hispania indoeuropea, *Gérion*, 1, pp.: 191-212.
- PEÑA SANTOS, A.; VÁZQUEZ VARELA, J.M.
1979 **Los petroglifos gallegos. Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia.** Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos. A Coruña.
- PEÑA SANTOS, A., COSTAS GOBERNA, A., JAVIER, F.; HIDALGO CUÑARRO, J.
1996 Los motivos geométricos en el grupo galaico de Arte Rupestre Prehistórico. J. Costas Goberna & J.M. Hidalgo Cuñarro (Ed.): **Los Motivos Geométricos en los Grabados Rupestres Prehistóricos del Continente Europeo. Serie Arqueologia Divulgativa**, 2, pp. 83-130. Asociacion Arqueológica Víguesa, Vigo.
- PONTE, S.
1984 Fíbulas do Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré). *Conimbriga*, 13, pp. 87-95.
- 1999 As fíbulas do Bronze Final no Norte e Centro de Portugal: rede de intercâmbios e assimetrias, *Revista de Guimarães*, especial 2, pp.:539-560.
- SANTOS ESTÉVEZ, M.
2012 Da “Arte Atlântica” no contexto europeu: conceitos, problemáticas e perspectivas -unha visión diacrónica da Arte Atlântica dentro dun novo marco cronológico. **Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo, 1º Mesa Redonda, Trabalhos de Arqueologia**, 54, pp.: 226-235.
- SARMENTO, F.M.
1980 Observações acerca do Vale de Âncora, **O Pantheon**, 1: 2 e 20.
- 1983-84 A propósito de castros, **O Panorama Contemporâneo**, 1, pp.: 9.
- SARMENTO, F.M.
1985 Materiaes para a archeologia da comarca de Barcelos. *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes*, 3, pp. 193-194.
- SILVA, A.C.
1986 **A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal.** Paços de Ferreira
- TEIXEIRA, C.; ASSUNÇÃO, C.T.
1961 **Notícia Explicativa da folha 1-C, Caminha.** Carta Geológica de Portugal, na escala de 1: 50 000., Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TEIXEIRA, C., MEDEIROS, A.C; COELHO, A.P.
1972 **Notícia Explicativa da folha 5-A, Viana do Castelo.** Carta Geológica de Portugal, na escala de 1:50 000., Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

6.- Notas.

1. Este conjunto de motivos localiza-se na extremidade noroeste de um afloramento com composições circulares típicas da arte atlântica, num processo que se crê de adição.
2. Nos três afloramentos publicados por Caninas et al, 2010 um deles apresenta uma suástica e dois antropomorfos de mãos grandes, motivos que poderão ser proto-históricos, por paralelos com antropomorfos similares encontrados em estelas do sudoeste ibérico. (Guardamino Diaz, 2010). Contudo, este afloramento tem igualmente simbologia mais recente e histórica, como uma cruz com peanha e um alfabetiforme.
3. Perdura durante a época romana e medieval, sempre de forma excepcional.

■

Daniela Cardoso.

Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT).
danyrest@gmail.com

Nuno Oliveira.

Mestre em Arqueologia. Arqueólogo.
nunoesqui@gmail.com

Ana M.S. Bettencourt.

Departamento de História da Universidade do Minho, Braga,
Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT).
anabett@uaum.uminho.pt

Recibido: 01/06/2018

Aceptado: 20/06/2018

Sumario

Sumario / Summary.	3
Introducción. E. Ramil Rego.	7
Comunicaciones / Artículos.	9
– Contextualización de los bifaces achelenses de Louselas (Ribadeo, Lugo). Aprovechamiento tipométrico hacia una clasificación automática. Eduardo Ramil Rego, Alberto Ramil Rego, Ana Neira Campos, Ana Jesús López Díaz, M ^a Natividad Fuertes Prieto.	11-19
– Acumulaciones faunísticas y sus implicaciones socioculturales. Nuevos datos del registro arqueofaunístico en la cueva de A Valiña (Castroverde, Lugo). Carlos Fernández Rodríguez, Lluís Lloveras, Paula Escosteguy, Eduardo Ramil Rego, Jordi Nadal.	21-29
– Caracterización e dinámica dos agrosistemas no NW Ibérico durante o Holoceno e o Antropoceno Pablo Ramil Rego, Luis Gómez-Orellana.	31-40
– Aproximación al estudio de las industrias líticas de la Prehistoria Reciente en el noroeste de la cuenca sedimentaria del Duero (León). M ^a Natividad Fuertes Prieto, Diego Herrero Alonso, Azucena Martín Fernández, Pablo Victoriano Redondo Álvarez, Ana Neira Campos.	41-50
– Arqueología y geología con una mención especial a la relación entre sustrato rocoso y arte rocoso (petroglifos). Juan Ramón Vidal Romani, Jorge Sanjurjo Sánchez, Aurora Grandal D'Anglade, Marcos Vaqueiro Rodríguez, Reinaldo Costas Vázquez.	51-57
– Práticas funerarias do Calcolítico e da Idade do Bronce na gruta da Lorga de Dine (Vinhais, Norte de Portugal): estudo antropológico. Tânia Pereira, Hugo A. Sampaio, Ana M.S. Bettencourt, João P. Cunha-Ribeiro, Mário Brito (†).	59-66
– Un asentamiento de la primera Edad del Hierro en la cuenca del Narcea: El castro de Pena Aguda (Belmonte de Miranda, Asturias). Ángel Villa Valdés, Rubén Montes López.	67-74
– Una aproximación a la morfología de ciertos asentamientos castreños de la provincia de León. Julio Manuel Vidal Encinas.	75-86
– Contributos para o estudo do povoamento da Idade do Ferro no río Lima: resultados das escavações dos sectores A - D do povoado de Terronha, Viana do Castelo (Portugal). Nuno Tiago Correia de Oliveira.	87-96
– Las excavaciones en La Peña del Castro (La Ercina, León). Campañas de 2015 a 2017. Eduardo González Gómez de Agüero, Víctor Bejega García, Fernando Muñoz Villarejo.	97-106
– Re-excavando Santa Tegra (A Guarda, Pontevedra). Nuevos datos y conclusiones del Barrio Mergelina. Rafael María Rodríguez Martínez.	107-116
– Las saunas rituales de la Edad del Hierro de tipo Cantábrico y su efímera perduración bajo dominio romano. Ángel Villa Valdés.	117-123
– O castro de San Lourenzo (Cereixa, A Pobra do Brollón, Lugo): unha coroa mineira romana no val do río Saa. Xurxo M. Ayán Vila, Manoel A. Franco Fernández, Xosé Gago García-Brabo, Sonia García Rodríguez, Rui Gomes Coelho, Alejandro Laíño Piñeiro, Rosa Martínez Valcárcel, Carlos Otero Vilariño, Yolanda Porto Tenreiro, Pedro Rodríguez Simón, José M. Señorán Martín.	125-134
– Un novo Monumento con Forno na Comarca de Ortegál. O Castro do Sarridal (Cedeira, A Coruña). Emilio Ramil González.	135-143
– Suásticas gravadas no Noroeste Ibérico. Reflexões sobre a arte rupestre da Idade do Ferro. Daniela Cardoso, Ana M. S. Bettencourt, Nuno Oliveira.	145-153
– Producciones cerámicas altoimperiales con decoración de arquillos estampillados en los castros de la cuenca del Navia (Asturias). Estado de la cuestión. Susana Hevia González, Rubén Montes López.	155-162
– Ocultar el presente, falsear el pasado. La sinuosa edificación de un engaño histórico irreversible en el Castro de Elviña (A Coruña). José María Bello Diéguez.	163-172
– Los horizontes arqueológicos de Época Romana en el Monte Castrelo de Pelóu (Grandas de Salime, Asturias). Ángel Villa Valdés, Rubén Montes López, Susana Hevia González.	173-178
– Un horno en Esteiro (Ribadeo, Lugo). Contribución al estudio de la producción cerámica de época romana en el occidente Cantábrico. Hugo Lozano Hermida, Eduardo Ramil Rego, Sara Barbazán Domínguez.	179-185
– Nuevos elementos sobre la vida y la muerte en Brigantium a finales del Imperio Romano. La tumba de la Casa Martelo (A Coruña). Aurora Grandal D'Anglade, José María Bello Diéguez.	187-196
– Estudio de un conjunto de materiales arqueológicos de Edad Media y Moderna de San Martiño de Moaña (Pontevedra). Carlos Fernández Rodríguez, Eduardo González Gómez de Agüero, Raquel Martínez Peñín.	197-207
– Nas orixes da Ribeira Sacra: a necrópole medieval do castro de San Lourenzo (Cereixa, A Pobra do Brollón, Lugo). Xurxo M. Ayán Vila, Manoel A. Franco Fernández, Xosé Gago García-Brabo, Sonia García Rodríguez, Rui Gomes Coelho, Alejandro Laíño Piñeiro, Rosa Martínez Valcárcel, Carlos Otero Vilariño, Patxi Pérez Ramallo, Patrick Roberts, Pedro Rodríguez Simón, José M. Señorán Martín.	209-218
– Arqueoloxía da guerrilla antifranquista en Galicia: o combate de Repil (Chavaga, Monforte de Lemos, Lugo). Xurxo M. Ayán Vila.	219-228
Resúmenes de Pósteres.	229
Normas de publicación.	233
Catálogo publicaciones.	237

